

Considerações finais

*Ah! Filosofia! Jurisprudência, medicina e também tu, triste teologia!...
Eu vos estudei profundamente, com ardor e paciência;
e, no entanto, eis-me aqui, pobre louco, tão sábio quanto antes.*
Fausto³²²

A presente dissertação teve como finalidade discutir a possibilidade de acesso à ipseidade a partir de uma noção de existência que compreenda a tensão que descola ipseidade e existência. O que se pretende nesse contexto é algo muito simples: demonstrar, com escólio nas concepções filosóficas de Heidegger e Kierkegaard, que o acesso à ipseidade se dá na relação de alteridade. À procura do espaço próprio em que o acesso à ipseidade fugidia se abre como possibilidade encontra-se um lugar qualificado pela presença do outro. O acesso à ipseidade não se dá nem no isolamento, nem na multidão – fenômeno que demonstra recuperar o estado de isolamento. O acesso à ipseidade se dá sempre diante de um outro, outro todo outro. Uma simples convicção não garante que se tenha obtido acesso à ipseidade – a presença do outro é indispensável, esse outro que vem desarrumar nossas certezas e expectativas. Mas isso não quer dizer que o outro seja o portador da ipseidade que se busca tocar. Do mesmo modo que a ditadura da opinião pública, o olhar do outro nunca é o elemento determinante da ipseidade, uma vez que ela não se deixa espelhar na imagem produzida pelo outro. A relação de alteridade tem o condão de inaugurar a oportunidade que torna possível o acesso à ipseidade.

Trata-se de uma ipseidade que não traz o outro para dentro de si, embora no contexto da analítica heideggeriana o *Dasein* tenha sido definido em sua constituição ontológica como um *ser-com-os-outros*. O engolfar do outro equivaleria à supressão da alteridade que, para vigorar na sua radicalidade, deve permanecer separada, diferente e infinita. Trata-se por outro lado de uma ipseidade que não se deixa captar como identidade uma vez que a palavra

³²² Goethe, *Fausto*, início da cena intitulada *A noite*, p. 41.

identidade remete normalmente ao conceito de igualdade e o âmbito da ipseidade não se enquadra no grau de comparabilidade intrínseco à prática da equiparação entre dois elementos – o existente em sua ipseidade é irreduzível à igualdade. Trata-se ainda de uma ipseidade não entregue ao rumo de um discurso paradigmático, um discurso que coloca no horizonte de si um modelo rígido. Não há nesse terreno a imposição ou pressão de um determinado conteúdo como ideal da existência.

A pesquisa trouxe-nos contudo ao ponto em que é preciso reconhecer que o discurso acerca do acesso à ipseidade escapa à pretensão de evidência. O que Heidegger chama de *modificação existenciária*³²³ não divide o curso da existência em dois trechos incomunicáveis, a exemplo do que corriqueiramente se costuma entender por conversão. O movimento da modificação existenciária não cria dois mundos paralelos de existência na medida em que a possibilidade de ser si próprio não acena para um estado de coisas em cuja demarcação haveriam duas alternativas estritas e isoladas. A fronteira do acesso à ipseidade seria por demais inconsistente, volátil, para se deixar apreender por um discurso voluptuosamente carcomido pelos ditames do sucesso.

O alvoroço da publicidade exige o sucesso como resultado no encadear de um processo que alveja o progresso. O caminho de acesso à ipseidade porém não se presta ao esforço público. O que aqui se pretende ressaltar encontra ressonância na análise crítica que um filósofo contemporâneo atento dirige à filosofia. Com o intuito de marcar uma diferença, Adorno acena para o que denomina de filosofia progressista. Uma filosofia progressista, segundo o filósofo frankfurtiano, seria uma conseqüência da transferência do domínio do planejamento econômico para o da teoria, universo em que se acredita que o pensamento deva ser administrado privando-o de seu caráter involuntário.

Assim como na economia de guerra se determinam as prioridades na distribuição de matérias-primas e na fabricação deste ou daquele tipo de arma, do mesmo modo uma hierarquia de importâncias insinua-se na formação de teorias, dando preferência a temas particularmente atuais ou particularmente relevantes, situando em segundo plano ou tolerando com indulgência o que não é o mais importante e que se pode aceitar então como mera ornamentação para os fatos essenciais, como *finesse*. A idéia do que é relevante é definida segundo pontos de vista organizacionais, a do que é atual é medida pela tendência que for objetivamente mais poderosa³²⁴.

³²³ *Ser e tempo*, parte II, p. 53.

³²⁴ Theodor W. Adorno, *Minima moralia*, aforismo 81, grifos do original.

A obstinação pelo enquadramento do pensamento, no diagnóstico de Adorno, gera uma cultura do importante saturada da violência e da severidade do sistema que visa encarnar, uma cultura que culmina num estado de coisas onde impera a força de uma redução. A filosofia esquecida de suas origens se torna herdeira da barbárie da grandeza imediata. Uma filosofia progressista assim concebida tende à generalização e à qualificação dos resultados segundo critérios de eficiência e sucesso.

Um pensamento que se entregasse à tarefa de aplicar critérios de eficiência e sucesso no que concerne à via de acesso à ipseidade cairia, todavia, no ridículo. Isto porque o acesso à ipseidade se dá sempre de modo precário e a possibilidade de ser si próprio revela-se sempre posta em lide. Como salienta Günter Figal, “na concepção heideggeriana da propriedade, o descerramento não é nenhum comportamento alternativo ante a decadência”³²⁵. Nada dissolve o emaranhado entre existência e decadência. O *Dasein* continuamente se perde em meio às incontáveis possibilidades que lhe atravessam o caminho e o fazem desviar a atenção da possibilidade de si. “Ninguém consegue seguramente garantir uma duração do compreender próprio: ‘o ser-aí já é *sempre a cada vez e em seguida talvez uma vez mais* na indecisão’”³²⁶.

Ao contrário da filosofia preocupada e orientada para a busca dos fundamentos últimos, a filosofia que cuida do acesso à ipseidade inclina na direção de uma errância. O *Dasein* sempre a cada vez e em seguida talvez uma vez mais se afasta do caminho de acesso à ipseidade fugidia. Heidegger sublinha que

a errância em cujo seio o homem se movimenta não é algo semelhante a um abismo ao longo do qual o homem caminha e no qual cai de vez em quando. Pelo contrário, a errância participa da constituição íntima do ser-aí à qual o homem historial está abandonado. A errância é o espaço de jogo deste vaivém no qual a ek-sistência insistente se movimenta constantemente, se esquece e se engana sempre novamente³²⁷.

Kierkegaard, por sua vez, insinua que o movimento exigido do cavaleiro da fé é ininterrupto e nada sugere que o existente capaz de executar tal movimento

³²⁵ Martin Heidegger: *fenomenologia da liberdade*, p. 174.

³²⁶ Günter Figal, *Martin Heidegger: fenomenologia da liberdade*, p. 238, grifei. Onde lê-se *ser-aí*, lê-se *Dasein*. O autor utiliza neste trecho uma citação de Heidegger – *Sein und Zeit*, na edição original, p. 299.

³²⁷ *Sobre a essência da verdade*, p. 167. Onde lê-se *ser-aí*, lê-se *Dasein*.

se destaque do imediato, recuse a participação na existência errante. O cavaleiro da fé paga os favores do tempo: o seu movimento precisa ser renovado a todo momento – não há neste campo estabilidade ou segurança, fato que faz Johannes de Silentio enfatizar que nada distingue a figura de um cavaleiro da fé. A sua situação movediça o despe de todo traço distintivo. Diz o autor de *Temor e tremor* descrevendo o instante exato em que atocaia o cavaleiro da fé:

Aproximo-me um pouco, vigio os mínimos movimentos tentando surpreender qualquer coisa de natureza diferente, um pequeno sinal telegráfico emanado do infinito, um olhar, uma expressão fisionômica, um gesto, um ar melancólico, um ligeiro sorriso que traísse o infinito na sua irreducibilidade finita. Mas nada! Examinoo com minúcia da cabeça aos pés, procurando a fissura por onde se escape a luz do infinito. Nada!³²⁸.

Johannes de Silentio conclui que o cavaleiro da fé não se distingue de um carteiro ou de um vendedor de salsichas.

O pensar que possibilita o acesso à ipseidade está inserido na dinâmica de um pensamento que demora na vigência de um desvelamento já entregue ao velamento. O lugar de vigência da alteridade que sulca a via de acesso à ipseidade e evoca o pensar privilegiado de abertura, embora vigore na luminosidade de um novo início, permanece obscuro, não se presta a uma visão completamente nítida. Uma clareira de luz e sombra prepara o espaço habitado por um movimento de presença e ausência³²⁹. A proveniência do ser acena para a investidura que se dá e se retira sempre e a cada vez.

O acesso à ipseidade se dá sempre de modo precário. O existente nesse ínterim postado caminha de começo em começo, desliza por um caminho entrecortado e se encontra um lugar de descanso, encontra-o sempre no ímpeto de uma surpresa inesperada.

³²⁸ *Temor e tremor*, pp. 272 usque 274.

³²⁹ Cf. Heidegger, *La fin de la philosophie e la tâche de la pensée*, p. 191.